Globethics Repository



Inimigos do cristianismo primitivo como tipo escatológico [Enemies of early Christianity as type eschatological]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Aguilar, Ruben
Publisher	Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-07 15:51:02
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/228823

Inimigos do cristianismo primitivo como tipo escatológico

Enimies of the primitive christianity as escathological type

Ruben Aguilar[1]

Resumo / Abstract

A primeira vinda do Messias foi realizada quando as características eram adequadas para esse evento. Uma dessas características foi a oposição de grupos do judaismo, fariseus e saduceus, e do helenismo, estoicos e epicureus. As facções do judaísmo eram grupos opostos ideologicamente. Os seguidores das tendências filosóficas do helenismo diferiam nas suas convicções fundamentais. Porém, diante do cristianismo que surgia, essas forças unem-se graças a um princípio essencial das suas convicções. A segunda vinda do Messias ocorrerá na "plenitude do tempo" e uma das características dessa época será a atuação de grupos antagônicos que, deixando de lado suas diferenças, unir-se-ão para enfrentar o cristianismo genuíno. O presente estudo procura identificar ideologicamente quem são os saduceus e fariceus, de um lado, e, de outro, os estóicos e epicureus do tempo do fim.
Palavras-chaves: Fariceus; Saduceus; Estoicismo; Epicurismo; Materialismo; Nova Era; Catolicismo; Protestantismo.

The first comming of the Messiah happened when the characteristics were appropriate for this event. One of them was the opposition of the groups of Judaism, the Pharisees and Sadducees, and of the Helenism,

[1] Doutor em História Antiga pela Universidade de São Paulo (USP). Professor emérito do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: reuben.aguilar@unasp.edu.br

Stoics and Epicureus. The factions of Judaism were totally opposite in their ideologies. The followers of the phylosophical tendencies of helenism were different in their fundamental convictions. Therefore, standing up to the rising christianity, these sides got together thanks to an essential belief of their convictions. The second comming of the Messiah will happen in the "fulness of the times", and one of the characteristics of this time will be the gathering of opposite groups which will put away their differences to face the genuine christianity. This study intends to identify ideologically who are the Pharisees and the Saducees, in one side, and the Stoics and Epicureus in the other on the end of the times.
Keywords: Faricees; Saducees; Stoicism; Epicurism; Materialism; New Age; Catholicism; Protestantism

A pregação do Cristianismo, nos seus primórdios, enfrentou a oposição e obstáculos de barreiras ideológicas provenientes de diferentes tendências filosóficas e tradicionais. Pode-se afirmar que o cristianismo, face à nova concepção de vida e de salvação que propunha, diferia em parte ou totalmente da gama de tendências vigentes na época do seu surgimento. As páginas do Evangelho apresentam exacerbadas arguições contrárias ao cristianismo que emergiram do seio do judaísmo (fariseus e saduceus) e dos antros do paganismo grego (estóicos e epicuristas).[2]

A rivalidade entre as mencionadas seitas judaicas manifestava-se claramente na expressão dos ritos, na organização social e na concepção religiosa. Porém, diante da luz que surgia através da pregação de Cristo, essa rivalidade tornava-se difusa ao ponto de aparentarem constituir um grupo coeso de ideias comuns. Semelhantemente, os seguidores das duas tendências filosóficas gregas que indistintamente propagavam processos de vida opostos na sua base ideológica, tornavam-se coerentes e harmônicos diante da nova forma de vida exposta pelo cristianismo. Por outro lado, nota-se com clareza a incompatibilidade ideológica entre o judaísmo e o helenismo, vulgarizada na época do surgimento do cristianismo. Porém, ao enfrentarem com suas

[2] É possível que grupos religiosos do paganismo e do misticismo oriental, ativos na época de Cristo, tenham contribuído negativamente para a difusão do cristianismo; mas, o papel opositor destacado na Bíblia está reservado aos fariseus e saduceus do judaísmo e aos estóicos e epicureus do helenismo (Mt 12:14; 15:12; 16:1; 22:23; Mc 8:11; Lc 20:27; At 15:5; 17:18).

propostas o ideal humano apresentado por Cristo, permaneciam unidos por elo imperceptível, mas vigoroso, ao ponto de serem identificados: estóicos e epicuristas como os fariseus e saduceus do helenismo.[3]

É de se advertir que essa comunhão ideológica era na essência, e não na forma exterior, pragmática. O que mais ressalta dessa conjugação de setores antagônicos é o fato de se tornar real unicamente ao enfrentar o cristianismo e, precisamente no ambiente que emoldura um evento importante como foi a primeira vinda do Messias. Nominalmente as seitas judaicas dos primórdios do cristianismo (fariseus e saduceus), e as escolas filosóficas gregas (estoicismo e epicurismo) não existem mais. Prevalece o cristianismo que consequente aos ensinamentos do Evangelho do seu fundador, aguarda a sua segunda manifestação, na "plenitude dos tempos".

A segunda vinda prometida por Cristo não será patente numa data assinalada (Mt 24:36, 43; 25:13; Mc 13:32; Lc 12:40, 46), o qual é um tempo sujeito a medição quantitativa; mas o será num período quando as condições da Terra sejam tais que exijam a intervenção iminente do Messias. Para esse grande evento as tendências opositoras ao cristianismo primitivo irão se revelar manifestando, através de doutrinas filosóficas, a mesma essência que dinamizou o comportamento antagônico das seitas judaicas e das escolas filosóficas gregas contra o cristianismo evangélico. Esse evento acontecerá em circunstâncias similares às da primeira vinda, ou seja na "plenitude dos tempos".

A plenitude dos tempos

O surgimento e a difusão do cristianismo estão relacionados com o nascimento do seu fundador, Jesus Cristo. Esse evento é identificado por Paulo como tendo ocorrido num período especial: *pleroma tou kronou*, "plenitude dos tempos" (Gl 4:4). Nessa passagem, Paulo utiliza o vocábulo *kronos* que na língua grega tem o sentido de "tempo" sujeito a medição. É um tempo determinado pela contagem do relógio ou do movimento dos astros. Vale dizer que a vinda do Messias Jesus, ocorreu num período capaz de ser advertido profeticamente,[4] e apontado pelos métodos usuais de medição de tem-

[3] Essa identificação é atribuída a Flávio Josefo e citado por High C. Moore (1978, p. 108).

[4] O Evangelho de São Mateus destaca o fato da visita dos magos do Oriente ao rei Herodes, como tendo eles reconhecido o "tempo" do nascimento do Messias, através da observação de uma estrela. Sacerdotes e Escribas de Judá não tiveram dificuldades em referendar esse acontecimento (Mt 2:1-6).

po. Esse conceito é reforçado pelo emprego por parte de Paulo, do vocábulo grego *pleroma*, que tem o sentido geral de "conteúdo pleno", ou "estado de se achar pleno", "cheio" (THE ANALYTICAL, [19--]). O significado dessa expressão concede a ideia de que todos os aspectos e circunstâncias que envolveriam o nascimento de Cristo e, consequente surgimento do Cristianismo, haviam-se cumprido, e o "tempo" era aquele.

A riqueza de vocábulos da língua grega permite aos autores neotestamentários afirmar com propriedade que o nascimento de Jesus aconteceu quando todas as circunstâncias qualitativamente eram adequadas. O termo grego que expressa esse significado é *kairos*. Esse vocábulo, no dizer de Paul Tillich (1968, p. 1), "não é o tempo quantitativo de um relógio, porém o tempo qualitativo de uma ocasião, o tempo preciso". O vocábulo *kairos*, que aparece no Novo Testamento 83 vezes, indica o "tempo" no qual as circunstâncias e o ambiente para a realização de um fato, são oportunos. Foi nesse sentido que Jesus, iniciando Seu ministério, usou esse termo para exprimir Sua mensagem de advertência: "o tempo (*kairos*) está cumprido e é chegado o reino[...]" (Mr 1:15); e logo repreende em segunda pessoa à cidade de Jerusalém: "não conheceste o tempo (*kairos*) da tua visitação" (Lc 19:44). Usando esse mesmo vocábulo, Paulo e a Igreja tratam de mostrar que o "tempo em que Cristo veio era o momento preciso, através de uma constelação de fatores" (TILICH, 1968, p. 1).

Certamente dentre esses muitos fatores que determinaram a "plenitude dos tempos", destaca-se a existência dos grupos judaicos (Fariseus e Saduceus) e helenistas (Estoicos e Epicuristas), atuantes nos primórdios do Cristianismo, cujos princípios filosófico-religiosos precisamos expor.

Fariseus e Saduceus

A origem da seita judaica dos fariseus é ainda difícil de ser estabelecida com precisão. Alguns indícios apontam como sendo sucessores de Hasidin, o pio, líder judeu do período seléucida[5]; embora outros autores afirmem que os Fariseus formaram uma seita durante o reinado de João Hircano (134-104 a.C.).

A palavra fariseu parece derivar tanto do termo hebraico *poresh*, que tem o sentido de "expor", "apresentar"; como do termo *parash*, "separar" (NEANDER, 1847, v. 1, p. 53)[6]. É dessa raiz que se origina o nome *perashim*,

[5] Essa opinião é vertida por Coleman (1977, p. 93) e Bryant (1982, p. 493).

[6] Outros significados tais como: "dividir", "dispersar", "espalhar", "distinto" são indicados em: Benjamin Davidson (1979, p. 634).

que tem um som mais próximo ao grego *pharisaios*, que dá a conotação de "um que é separado da multidão profana" (NEANDER, p. 53).

O pensamento farisaico originou-se da interpretação da Lei de Moisés, Torah. Para os fariseus a Lei tinha autoridade divina, porém exaltavam mais a própria interpretação. Desse modo, cercaram-na com "barreiras" pelas quais seus preceitos deviam ser observados rigidamente e contra qualquer infração. A interpretação da Lei, por parte dos fariseus, tinha autoridade divina, bem como sua aplicação (FERGUSON, 1987, p. 408). Dessa maneira, por um método arbitrário de interpretação, estabeleceram um processo que distorcia a Lei e em boa medida a tornava alegórica (NEANDER, 1847, p. 53).

Os fariseus, como seita "separada", procuravam ser respeitados pelo povo como "homens santos", permanecendo na hierarquia sacerdotal. Esse comportamento os levou à prática de um estranho acetismo comparável ao monasticismo medieval.

Os Saduceus constituíam uma seita que reunia a aristocracia do povo judeu. A derivação do nome é incerta e segundo E. Ferguson (1987, p. 411), possivelmente esteja relacionado com o nome de certo líder judeu chamado Zadoque (ver SCHAFF, 1967, v. 1, p. 65; TYSON, 1984, p. 74, 92; NEWMAN, 1933, v. 1, p. 47-50).

Os saduceus observavam atitudes religiosas desde que relacionadas com o poder político. Aceitavam com restrições a Lei escrita e rejeitavam a Lei oral. Não consideravam os profetas como fontes de doutrina. Negavam a ressurreição (Mt 22:23; Lc 20:34-36) e também a existência de anjos e espíritos (At. 23:8)[7]. Seus pensamentos estavam direcionados unicamente ao mundo presente. Embora não seja admissível por vários autores que eles negavam uma especial Providência, parece ser claro, no entanto, que em harmonia com sua tendência à negação da natureza espiritual, "fizeram de Deus tanto quanto possível um espectador ocioso dos acontecimentos do mundo" (NEANDER, 1847, p. 57).

A diferença entre fariseus e saduceus era marcada pela prática externa de toda manifestação religiosa. O fanatismo farisaico contrastava extremamente com o liberalismo dos saduceus. Objetivamente as duas tendências judaicas diferiam tanto na forma como no sistema, apresentando crenças opostas com características antinominais. Porém, na base dessas concepções, a essência era única e comum a ambas. Essa essência residia na conceituação sobre a Divindade e seus atributos, que entre fariseus e saduceus é homóloga.

[7] Segundo Neander (1847, p. 56) o ceticismo dos saduceus foi declarado por Josefo na sua obra *Arqueologia*.

Os saduceus, devido ao negativismo nas coisas espirituais, não definiam com clareza a personalidade de Deus. Essa falta de percepção espiritual tornava a crença em Deus desnecessária, ou pelo menos de pouca relevância para a vida dos seres. Em outras palavras, devido a essa orientação mental sobre a natureza Divina, os saduceus aproximaram-se do conceito deísta, o qual abolia toda revelação.

A essência do pensamento dos fariseus sobre a Divindade, não diferia daquela que determinava o conceito dos saduceus, ou seja, a ideia de um Deus com pouca ou nenhuma relevância para a vida dos seres humanos. Esta afirmação pareceria severa demais considerando as formas ritualistas da religião que eram observadas com rigidez por parte dos fariseus. No entanto, a forma dessa religiosidade procedia de uma essência espúria, que foi posta a descoberto pela severa cognominação que Cristo usou para definir essa seita: "hipócritas" (Mt 23:23, 25, 27, 29 e outros).

A palavra "hipócrita", nos tempos de Cristo tinha significados variados, conforme a língua a ser usada para sua expressão. No hebraico, segundo W. L. Coleman, essa palavra representava uma pessoa "sem Deus, sem lei ou ímpio" (COLEMAN, 1982, p. 95). O significado dessa palavra, na língua grega, tinha o sentido de "ator". O termo deriva do vocábulo *upokrinomai*, que significa "desempenhar uma parte sobre um cenário", "assumir um caráter falso" (THE ANALYTICAL, [19--], p. 417). O evangelho de Lucas registra o fato de um grupo de fariseus enviarem adeptos para espiar Jesus "fingindo-se serem santos".[8] Podemos afirmar que Cristo ao usar esse termo para identificar o caráter dos fariseus, foi nos dois sentidos, pois sintetiza o procedimento farisaico: "ator sem Deus".

Inferimos dessa maneira que tanto os fariseus como os saduceus não reconheciam Deus nem quaisquer dos seus atributos. A falta de percepção da divindade, comum entre as duas seitas, revelou-se claramente ao não reconhecerem, na pessoa de Jesus, o Deus encarnado. A Bíblia registra o fato de que um grupo heterogêneo de judeus tentou apedrejar Jesus, porque consideravam blasfêmia que Ele afirmasse possuir natureza Divina, e o acusavam dizendo: "sendo tu homem te fazes Deus".[9]

[8] Em Lucas 20:20, o termo empregado pelo evangelista é *upokrinimenous,* que tem o sentido de apresentar-se com outro caráter; com formalismo fingido, em Mateus 23:23; com malícia, engano ou fraude, em Mateus 22:18.

[9] João 10:22-39. Em Mateus 26:63, 64 a interlocução feita pelo sumo sacerdote a Jesus revela que Ele estará à direita de Deus, vindo entre as nuvens dos Céus.

Estóicos e epicuristas

O estoicismo[10] iniciou-se a partir dos ensinamentos de Zeno de Citium, talvez "um fenício de raça, que chegou a Atenas em 313" (FERGUSON, 1987, p. 281).[11] Por um tempo foi discípulo do cínico Crates quem ditou cátedra em Atenas no portão da cidade chamada Pecila (TREDICI, 1963, p. 60). Zeno começou ensinando no portão chamado Poikilé, o qual servia como uma "sala pública" (FERGUSON, 1987, p. 282).

O estoicismo foi uma corrente filosófica que no tempo do surgimento do Cristianismo, segundo afirmação de P. Tillich (1987, p. 7) gozava de maior popularidade e importância do que os ensinamentos de Platão e Aristóteles juntos. Muitos destacados pensadores aceitaram e divulgaram esta ideologia, entre eles: Cleanthes, Crispo de Cilícia, Aratus de Cilícia,[12] Zeno de Tarso, Diógenes de Selêucia, Antípater de Tarso, Panaetius, que divulgou o estoicismo entre os romanos, Posidonius, e os filósofos romanos: Lucius Annaeus Sêneca, Musonius Rufus, Epictetus e o imperador Marco Aurélio.

O ponto de partida do Estoicismo é a concepção de um Deus imanente do universo, chamado *Logos Spermatikos*, o princípio ou razão que determina os distintos modos de ser das coisas. A natureza de Deus é a razão que atua como uma força legisladora determinando a forma e propósito dos objetos. É também concebido como pneuma, "respiração"; era *kinoumenos*, "ar em essência"; *aiter*, "substância etérea"; *pneuma noeron kai pirodes*, "respiração ardente e racional" (BULTMANN, 1962, p. 161).

O *Logos* ou "respiração" está difuso em todas as coisas outorgando-lhes suas qualidades divinas e forma natural (FERGUSON, 1987, p. 283). Está presente também nos eventos físicos atuando como causa ou energia (BULTMANN, 1962, p. 161). Em síntese, o universo é a própria divindade. Cleanthes desenvolveu a ideia de que o universo é como um ser humano, que possui uma parte coordenadora, onde está a sua

[10] O vocábulo estoicismo deriva do termo grego *stoa*, "portão" da cidade, que foi o lugar onde originalmente iniciou-se a difusão dessa escola filosófica.

[11] E. Ferguson faz essa afirmação reconhecendo que a antiga região de Citium corresponde a atual ilha de Chipre. A data pode ser incerta desde que o ano do nascimento de Zeno varia segundo critério de alguns autores: 335 aC. para Ferguson; 342 aC. para Jacinto Tredici.

[12] O apóstolo Paulo ao dirigir-se aos atenienses estabelece um ponto de contato ao usar uma frase de Aratus de Cilícia que aparece na sua obra *Phaenomena*: "porque nele nos movemos e existimos" (At 17:28) (FERGUSON, 1987, p. 283).

alma da qual "a voz flui" (FERGUSON,1987, p. 282). A "voz" da divindade é sua própria natureza, ou seja, o *Logos* que significa "palavra". Para os estóicos essa "palavra" representava a"lei universal" que rege o universo. Não é possível separar o *Logos* da "lei universal", ou melhor, ambos são idênticos (TILLICH, 1968, p. 8).

O homem, no pensamento do estoicismo, está constituído de duas partes ou classes de matéria. Uma é o corpo físico formado por matéria mais pesada e a outra é a alma constituída por matéria mais leve. No entanto a natureza humana é essencialmente idêntica ao Logos, ou seja, divina[13]. No estoicismo não cabia o conceito de pecado, tão somente o de futilidade, tolice ou erro (TILICH, 1968, p. 9). O mal em si não existe ou é desnecessário (NEANDER, 1847, p. 22). O ser humano deve viver de acordo com o princípio de harmonia interna; quer dizer, em harmonia com a razão, pois ele é um ser racional, e a razão enche o universo.

O epicurismo derivou seu nome do seu fundador, Epicuro. Esse foi um filósofo nascido em Samos pelo ano de 341 aC.; estabelecendo-se por volta de 307 aC., em Atenas, numa casa com amplos jardins onde impartia seus ensinamentos. Epicuro viveu uma vida austera rodeado de seus fiéis seguidores, separados do mundo. E. Ferguson, citando Diógenes Laertius, assevera que Epicuro escreveu em torno de 300 rolos, dos quais foram preservadas três cartas dirigidas para: Heródoto, Phytocles e Menoeceus, contendo suas principais doutrinas e também outros fragmentos (FERGUSON, 1987, p. 296).[14]

Parece que o impulso original que estimulou Epicuro para estruturar sua ideologia foi o de libertar-se das superstições e do temor que causam os deuses[15]. Seus igualmente famosos seguidores: Diágoras de Melos, Protágoras de Abdera e Theodorus de Cyrene, foram pessoas que, segundo afirma W. Frend (1967, p. 95), passaram à história como homens que "cortaram a raiz de todo temor e reverência devidos aos deuses". Plutarco, um epicurista do primeiro século da era cristã, declarava que existe um abismo "entre nossos pés, se colocamos cada deus numa paixão, força ou virtude"[16].

[13] Bultmann (1962, p. 162) destaca que essa assertiva é importante para assumir o conceito sobre a divindade humana.

[14] Na biblioteca de Philodemus, século 1 d.C., nas ruínas de Herculano, foram encontradas algumas cópias dos textos de Epicuro que contribuíram para o melhor conhecimento do seu pensamento filosófico..

[15] J. Tredici (1963, p. 62) afirma que Epicuro dedicava-se ao estudo da natureza para encontrar fundamentos sobre a ineficiência ou inexistência dos deuses.

[16] Em Amatorius de Plutarco 13, 756, (*apud* FREND,1967, p. 95).

Epicuro desejava salvar a humanidade da escuridão religiosa que era considerada por ele, uma fonte de temor. Oráculos, adivinhações, magia etc., são rejeitados. A eliminação dos deuses traz a paz e a possibilidade de ter uma vida boa. Por esse idealismo, Epicuro foi chamado por seus discípulos: *soter*, "salvador", o mesmo vocábulo usado no Novo Testamento para referir-se a Cristo.[17]

Epicuro acreditava na existência de deuses feitos de átomos de material refinado, mas que não interferem na natureza e nos atos humanos. A consequência desse conceito é de que não existe "providência", Deus. O universo está constituído de matéria e vazio. A matéria é divisível, mas não infinitamente; o limite da divisibilidade é o átomo. O mundo físico procede dos átomos que atuam segundo leis físicas, pois a natureza não tem propósitos finais; mais ainda, não há criação; o universo é eterno.

O ser humano faz parte da natureza, da matéria eterna. O *telos*, "alvo" da vida para o homem, é a procura da felicidade através do *hedoné*, "prazer". Deve-se procurar o máximo de prazer e o mínimo de dor; assim, a felicidade consiste nos "estados corporais e mentais livres da dor" (MOORE, 1978, p. 108). Não há vida futura para se preocupar. Não existe pecado. O único mal é viver em ansiedade e temor que são causadas pelas crenças supersticiosas sobre os deuses e a vida futura.

O estoicismo diferia do epicurismo na forma. O comportamento estoicista, aparentemente era de profunda religiosidade e até ritualista,[18] enquanto o epicurismo promovia uma práxis livre de toda religiosidade[19]. A filosofia estoicista admitia a participação divina na natureza, já o epicurismo rejeitava toda intervenção dos deuses nos eventos naturais. Citando Dummelow, H. C. Moore (1978, p. 108) afirma que o "estoicismo era a filosofia da maioria das pessoas sérias. O epicurismo era a filosofia dos frívolos e irreligiosos".

Apesar das marcadas diferenças de forma entre o estoicismo e o epicurismo, na essência, as duas escolas filosóficas eram a expressão da mesma fonte geratriz das suas concepções. Para os estóicos, a divindade estava difusa na natureza; para os epicuristas, tão distante que até sua existência é desconhecida. Para ambos, Deus não é um ser pessoal, nem criador e mantenedor do Universo. Essas duas

[17] P. Tillich (1968, p. 5) justifica o nome dado a Epicuro porque fez "a maior obra que uma pessoa pode fazer por seus seguidores; ele os libertou da ansiedade que a religião causa".

[18] Os adeptos do estoicismo são identificados como "fariseus do paganismo grego", refletindo o conceito vertido por Josefos (BRYANT, 1982, p. 595).

[19] Os seguidores do epicurismo são identificados como os "saduceus do paganismo grego" (BRYANT, 1982, p. 216).

escolas filosóficas admitiam a eternidade da matéria, negando toda origem como fruto de uma criação. O estoicismo e o epicurismo, não reconheciam a existência de pecado, nem admitiam a necessidade de salvação. Para o estoicismo especificamente, o homem como emanação da divindade, encontraria sua verdadeira identidade original, vivendo de acordo com a "Lei Universal". Já o epicurismo, elimina o plano de salvação ao não aceitar a ideia de vida futura; dando importância à vida presente cujo propósito é alcançar a felicidade através do prazer.

O comportamento dos estóicos era orientado no sentido de viver uma vida "livre de paixões", *apatheia*; a ética dos epicuristas destinava o ser humano a alcançar um estado de "paz e tranquilidade mental", *ataraxia*. Em suma, ambos os procedimentos promoviam em si a libertação do ser humano, da fatalidade e da dor; para torná-lo "autossuficiente e indiferente a forças externas" (FERGUSON, 1987, p. 301). As suas máximas, embora expressas de maneira adversativa, refletem uma essência comum de comportamento. Para o estoicismo: "nem comamos nem bebamos que amanhã morreremos"; e para o epicurismo: "comamos e bebamos que amanhã morreremos".

A plenitude dos tempos na escatologia

Para o estudioso dos temas escatológicos, a convicção da iminente segunda vinda de Jesus a este mundo reside no cumprimento das profecias concernentes ao tempo do fim. Paulo, o apóstolo aos gentios, ao dirigir-se aos tessalonicenses (1Ts 5:1-3) os adverte sobre a segunda manifestação de Jesus como sendo um "tempo" capaz de ser identificado pelas suas características peculiares, usando o vocábulo *kairos*[20]. Essa segunda manifestação de Jesus na Terra também será na "plenitude dos tempos", ou seja, no momento propício, quando os fatores sociais e de toda índole formem o ambiente adequado à realização desse evento.

Ao analisar as características do mundo atual, observando a condição de caos presente na família, nas instituições sociais e até na própria natureza, verifica-se que tais condições fundamentam a ideia de que o mundo está na "plenitude dos tempos". Alguns dos "fatores" que caracterizam essa condição são perceptíveis; outros, no entanto, precisam ser analisados e

[20] O apóstolo Paulo, no texto anotado, enfatiza o "tempo" em que o Senhor virá usando o vocábulo *kairosi*, ou seja um período caracterizado por eventos destacados, entre estes, o clamor mundial de "paz e segurança". Dessa maneira estará cumprida a "plenitude dos tempos".

comparados com seus similares, ocorridos no início da pregação do evangelho de Cristo. Um desses "fatores" é a atitude de forças filosófico-religiosas contrárias entre si, na sua forma; mas, iguais na essência, as quais unir-se-ão para enfrentar o genuíno cristianismo.

É oportuno considerar que as características filosófico-religiosas dos fariseus e saduceus, e do estoicismo e epicurismo do "tempo" da primeira vinda de Jesus, reproduzem-se em manifestações de grupos de tendências semelhantes existentes no mundo atual. Esse fato enfatiza desse modo, o cumprimento de eventos que convergem para outra "plenitude dos tempos". Essas tendências ou linhas de pensamento já estão em vigor na atualidade e, embora entre si, manifestem aparente antagonismo, na essência mantém único e comum fundamento. Dessa gama de tendências que afloram no ambiente mundial, excluindo poucas, existe a possibilidade de reuni-las nos seguintes grupos: de fundamento filosófico, o materialismo e o sincretismo da Nova Era; e de fundamento religioso, o protestantismo e o catolicismo. O materialismo e o movimento da Nova Era, representam respectivamente, o epicurismo e estoicismo do passado (GEISLER, 1987, p. 82); enquanto que o protestantismo e o catolicismo, são os fariseus e saduceus da época de Cristo.

Materialismo e Nova Era

O materialismo moderno emoldura uma variedade de tendências filosóficas e da ciência especulativa, contando também com a adesão de grupos religiosos. Admite como única realidade a existência da matéria. A origem do Cosmos é a matéria, e a origem do ser humano é a própria evolução da matéria, passando dialéticamente de formas imperfeitas a formas sempre mais perfeitas. O ser humano que emerge da matéria, volta a sua origem e, quando seu corpo se desintegra, nada mais resta da pessoa humana. O único sentido da vida humana é "inserir-se na evolução, na história, e preparar o advento da sociedade futura" (ÁVILA, 1991, p. 280- 281). Esse princípio aparece nos escritos dos enciclopedistas franceses e se fortalece com as propostas do positivismo que sugere o desprezo da realidade sobrenatural. "Deus e o sobrenatural são deixados para trás como superstição irrelevante" (BROWN, 1999, p. 95) estabelecendo a "religião da humanidade", que cultua o homem substituindo o culto ao Deus criador (TREDICI, 1963, p. 249).

O materialismo adquire maior difusão com as ideias do pragmatismo e do existencialismo que desconhece qualquer sistema metafísico,

ressaltando que cada pessoa existe no tempo e que tem uma quantidade limitada desse tempo à sua disposição, dentro do qual pode fazer suas decisões. O materialismo alcança os estratos científicos com as teses da evolução dos seres vivos propostas por Charles Darwin na sua obra *Origem das espécies por seleção natural* e adquire um grande destaque mediante a teoria do "monismo" de Ernest Haeckel na qual "a matéria é a única realidade [...] e seu princípio é essencialmente homogêneo, devendo ser rejeitado como falso todo dualismo e pluralismo" (BOCHENSKI, 1975, p. 80). O materialismo chega a se constituir em doutrina revolucionária com as propostas sociais de Friedrich Engels e Karl Marx, que não admitem deuses e consideram a religião como o "ópio do povo" e sua eliminação, necessária para atingir a felicidade real. Ideologicamente o materialismo do período escatológico, representa o epicurismo da época de Cristo.

A Nova Era é um movimento que engloba várias tendências, filosóficas na sua essência; mas, religiosas na forma externa; sendo algumas orientais e milenares, e outras ocidentais e contemporâneas. O sincretismo das crenças que sustentam o movimento da Nova Era é tão variado que o fato de simplesmente enunciar cada uma delas pode ser uma tarefa incompleta.

Do seio dos grupos que compõem o movimento da Nova Era podem-se extrair alguns conceitos comuns que possibilitam uma enunciação; como os que apresentamos a seguir: Deus é tudo, um ser impessoal, conceito básico do "monismo". Deus está presente na natureza; característica essencial do "panteismo". O ser humano como parte da natureza é também parte de Deus e até pode chegar a ser um deus, definição do "homoteismo". Não existe consciência de pecado, sendo que a degeneração do homem é devida à ignorância da sua origem divina. O conceito de juízo futuro, não cabe na mentalidade da Nova Era, pois, o homem passa por um processo de "reencarnação". Os grupos desse movimento aguardam uma nova ordem com a manifestação de Maitreya, o Cristo da Nova Era (STÉVENY, 1993, p. 5).

Uma das expoentes da Nova Era, a espiritualista Chris Griscom, que conta com milhões de seguidores em vários países do mundo, define a Divindade com as seguintes palavras: Deus "é um ser humano, uma planta, uma estrela. O espírito divino é apenas um, mas o vemos de muitas formas"; falando sobre seu conceito de "regressão às vidas passadas", explica que esse procedimento permite conhecer porque foram feito escolhas, por exemplo: do esposo, dos filhos, dos pais, e compreender a relação com outras vidas: "O (meu filho) menor, Bapu (apelido do líder religioso Ghandi), de 5 anos, já foi meu pai em outra vida" (PERES, 1990, p. 40-42). A síntese desses

conceitos, considerados racionais ou filosóficos, pelos líderes da Nova Era, em especial a negação da existência de um Deus pessoal, permite que esse movimento seja comparado ao estoicismo do primeiro advento de Cristo.

O materialismo e o movimento da Nova Era diferem na expressão conceptual da divindade. Para os primeiros, não há Deus; para os outros, Deus e tudo e tudo é Deus; embora os místicos da Nova Era prefiram a expressão: "tudo é mente". Essa base conceptual se manifesta no comportamento social dos seus seguidores, o que permite perceber com clareza que cada grupo é diferente na sua forma externa. Os adeptos do materialismo, por exemplo, pretendem com toda energia, demonstrar em forma palpável o princípio básico das ideias que sustentam, o qual é: a não existência de Deus. Dessa maneira, auxiliados pela alta tecnologia moderna e as profundas pesquisas efetuadas principalmente no campo da Biologia e especificamente da Genética, tem obtido resultados espetaculares nessa área, como por exemplo: obter a síntese do DNA, cristalizar vírus, reprodução de embriões em "provetas", duplicação de organismos através de uma única célula (clonagem), e experiências audaciosas como: sintetizar um gene e faze-lo agir dentro de uma bactéria, juntar uma célula humana com outra de fumo, "criando" uma célula nova, unir célula humana com outra de rato, de macaco e de outras espécies, com interesse de criar novas espécies.[21]

À diferença dos materialistas, seguidores do movimento da Nova Era, manifestam seu comportamento social tingido de práticas rituais. Seu conceito básico, Deus em tudo, os estimula a ter um contato místico com a natureza. Popularizar o espiritualismo e as práticas esotéricas como a energização, meditação transcendental, hipnose, ioga e outras do mesmo estilo, os quais fazem parte do seu comportamento social. Em síntese, o sincretismo ideológico da Nova Era, observa-se também nas práticas rituais comuns no budismo, xintoismo, induismo e no monasticismo místico da Idade Média.

Essas diferenças externas que se verificam no comportamento social dos seguidores do materialismo e dos da Nova Era, na essência surgem do mesmo princípio, o qual é a divinização da natureza, ou ideia puramente naturalista do universo. Os dois grupos não aceitam absolutamente uma distinção entre criador e criatura, negando dessa maneira a existência sobrenatural de Deus. Além disso, negam que Deus possa intervir em forma sobrenatural, por exemplo, em forma de milagres. Finalmente, ao

[21] Uma lista maior das conquistas da Biologia moderna, nessa área, pode se conhecer na obra de June Goodfield (1975, p. 12-33).

não admitir a existência de um Deus além do Universo, as duas ideologias defendem a ideia da divindade do ser humano.

Protestantismo e catolicismo

Depois do grande movimento de Reforma religiosa patrocinado por Martinho Lutero, no início da era moderna, o cristianismo ficou claramente dividido em duas facções: protestantismo e catolicismo. Apesar de que o protestantismo, ao longo dos séculos seguintes, tenha experimentado dissidências diversas, pode-se afirmar que no fundamento das suas convicções, foi influenciado pelas novas ideias e novos princípios de interpretação de teólogos que surgiram do seio protestante. Uma das maiores influências que sofreu o protestantismo não foi da mente de um teólogo, mas sim da especulação racional de um filósofo, Friedrich Nietzche. A declaração mais poderosa utilizada por Nietzche foi a de que o evento mais importante ocorrido nos tempos modernos é a morte de Deus. O ser humano então, está livre, e nessa condição deve elaborar seu próprio modo de vida.

Consoante com a ideia de Nietzche, o teólogo alemão Ludwing Feuerbach, na sua obra *The essence of religion* (1845) sugere abolir a ideia de Deus e colocar a natureza em seu lugar. Seu plano teológico define que a realidade é uma manifestação do "espírito absoluto", sendo que esse "espírito" é a natureza. Exalta a humanidade afirmando que o ser "divino" nada mais é do que o ser "humano". A teologia é a mesma coisa do que a antropologia; ou seja, o conhecimento de Deus é igual ao conhecimento do ser humano (BROWN, 1999, p. 91-92).

No final do século 18 e por todo o século 19, a influência sobre o protestantismo veio de parte da chamada "Teologia Liberal". Essa tendência deu lugar à publicação de vasta quantidade de obras racionalistas e fictícias sobre a vida de Jesus. Sugeriam que milagres não merecem mais crédito. O teólogo Albrecht Ritschel, afirmava que Jesus veio a fundar um reino na Terra e sua morte não tem nada a ver com a expiação. Considera-se que o teólogo e doutor em medicina, Albert Schweitzer tenha contribuído mais, para desacreditar Jesus e desconsiderar a escatologia. Por sua parte, Paul Tillich (1968, p 128-131) divulgava a ideia de que é necessário pensar em Deus unicamente em termos de preocupação humana. Considerava que o ser humano é um "ser" e o pecado, alienação desse ser. Desmerecia o sacrifício de Cristo qualificando-o como relato lendário e, complementava

afirmando que a vida eterna e a justificação são ideias obsoletas. Por outro lado, o teólogo Rudolf Bultman mistificou os relatos dos evangelhos, afirmando que esses eventos não são os que realmente ocorreram; mas, são os que a igreja primitiva acreditava ter acontecido. Esse mesmo teólogo divulgou um ensaio: O Novo Testamento e a mitologia, no qual sustenta que os eventos sobre a vida de Cristo são mitos, sendo a ressurreição, um fato totalmente inconcebível (BULTMAN, 1962, p. 125-127).

O catolicismo, por muitos séculos ostentava a presunção de ser a única manifestação do verdadeiro cristianismo. Deve-se reconhecer que o Catolicismo, apesar de emoldurar uma história cheia de corrupção promovida pela paixão da riqueza material e de poder, com grandes espaços manchados com o sangue de suas vítimas, era o grupo religioso que preservava a ortodoxia das doutrinas básicas do cristianismo, embora que isso tenha sido unicamente no papel. No tempo do fim, o catolicismo, através de encíclicas e propostas de seus líderes, emite ideias que contrariam a original concepção doutrinária. Uma parte desses novos conceitos doutrinários, apresentamos a seguir:

Substituição da natureza divina. Pio XII, em 1943, emitiu a encíclica Mystici Corporis na qual assevera que o corpo místico de Cristo tem uma forma visível, a qual é a Igreja Católica Romana. Essa ponderação foi confirmada por Paulo VI na encíclica *De Ecclesia* onde se afirma claramente que o corpo de Cristo é a Igreja Católica e, usa a alegoria que define Cristo como a "Luz do Mundo" aplicando-a também à Igreja; dessa maneira, pode fazer uma afirmação conclusiva com referência à Igreja Católica: "quem me vê, vê a Cristo" (BEACH, 1968, p. 72-73). Diante dessa asserção, e utilizando o sentido bíblico dado ao vocábulo anti, que dá o sentido de alguém ocupar o lugar de outro, pode se afirmar que o Papado é o anticristo porque substitui o Redentor.

Méritos para a salvação. As decisões do Concílio Vaticano II praticamente anulam a eficiência do sacrifício expiatório de Cristo. Reconhecem que os "santos" encontram-se em estado eternal e apresentam seus "próprios méritos" para mediar pelos que ainda estão na terra, obliterando dessa maneira os méritos de Cristo. Essa posição se fortalece com as sucessivas definições em relação a obra mediadora de Maria. O papa Benedito XV (1914 — 1922) afirmou que a redenção foi uma obra realizada por Jesus e Maria. Essa versão foi ampliada na encíclica *Ad Coreli Reginam*, emitida por Pio XII, na qual Maria é definida como a "rainha do céu" e participante na redenção. Nesse documento, o plano de redenção tem dois componentes: o que Deus fez em Cristo e o que Deus fez por meio de Maria. A encíclica *De Ecclesia*, renova a convicção dos dogmas da imaculada e da ascensão corporal de Maria, dessa maneira confirma a posição de ser ela, Mediadora dos

homens. Devemos ressaltar que essa consideração dada a Maria, tem provocado maior reverência, devoção e adoração a Maria, de tal modo que a Mariolatria, entre os seguidores do Catolicismo, tem ofuscado a adoração ao verdadeiro Deus.

Poder Criador de Deus. Uma das definições do concílio Vaticano II em relação ao avanço da ciência, foi de que a teologia deve andar dependente das conquistas daquela. O termo italiano *aggiornamento*, "estar em dia" ou atualizar-se, foi utilizado para confirmar essa decisão. Dessa maneira, o Catolicismo fez ressurgir as propostas evolucionistas do sacerdote jesuíta Pierre Teilhard de Chardin, as quais anteriormente haviam sido condenadas. As ideias desse religioso e homem de ciência visam estabelecer uma posição conciliadora entre a fé em Deus criador, e a teoria da evolução.

Dessa forma, o universo evoluiu desde um estado de imperfeição até alcançar a perfeição plena que é a divinização do homem. As fases desse processo são: cosmogonia, ontogonia, antropogonia, cristogonia. A cosmogonia que é a formação do mundo começa com a barisfera, estado incandescente; litosfera, estado sólido da terra; hidrosfera, aparecimento da água; atmosfera, o ambiente para os seres vivos. A ontogonia, é a fase do surgimento dos seres vivos que ocupam a biosfera. A antropogonia demarca o aparecimento do homem. A cristogonia define a evolução do homem alcançando sua plena perfeição no desenvolvimento mental que T. de Chardin chama de noosfera; é o momento quando o ser humano chega ao ponto ômega, ou seja, o seu encontro com a divindade.

Apesar de o catolicismo ainda aceitar e proclama os credos: apostólico, de Atanásio e o niceno, em relação à Divindade de Cristo e à sua Segunda vinda, por outra parte, declara que esses ensinamentos são "antiquados" e qualificados como doutrina antipopular (BEACH, 1968, p. 77).

O catolicismo e o protestantismo desde o movimento da Reforma manifestam sentidas diferenças enquanto a sua forma externa. Não somente no estabelecimento doutrinário, mas também na expressão da sua religiosidade através da liturgia, devoção, forma de alcançar graças divinas, comportamento ético, o catolicismo e o protestantismo são diferentes. O catolicismo é a religião das obras e o protestantismo a religião da fé. Pela prática social dos seus membros, o catolicismo é religião liberal comparada aos saduceus da época de Cristo; e o protestantismo, a religião cultual, de ideais que aspiram a prosperidade, comparada aos fariseus da primeira vinda do Redentor. Esses dois grupos, no entanto, adquirem caracteres de unidade quando analisadas na essência das suas convicções.

Muitos teólogos que surgiram e ensinaram em centros acadêmicos do protestantismo, divulgam o conceito da "morte de Deus", ou simplesmente

não admitem uma intervenção direta da Divindade nos atos humanos. O catolicismo, por sua parte, substitui a pessoa de Deus como ser que merece toda adoração, pela pessoa de outros seres, qualificados merecedores dessa devoção. Para ambos grupos religiosos, a definição dos atributos e virtudes do Criador estão difusos e, mediante práticas rituais, poderes de cura, concepções baseadas nas conquistas científicas e outros, procuram exaltar o homem até um processo elevado de divindade.

As condições do mundo atual refletem as características enunciadas por Jesus referentes ao "tempo do fim" (Mt. 24). O mundo vive na "plenitude dos tempos"; em breve, grupos que se mostram contrários, unir-se-ão como fizeram seus similares na primeira vinda do Messias.

Referências

ÁVILA, F. J. P**equena enciclopédia de doutrina social da igreja**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

BEACH, B. B. **Vatican II**: Bridging the Abyss. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1968.

BOCHENSKI, I. M. **A Filosofia contemporânea ocidental**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

BROWN, C. **Filosofia e fé cristã**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.

BRYANT, T. A. (Ed.). **Today's dictionary of the Bible**. Laredo: Bethany House Publishers, 1982.

BULTMANN, R. **Primitive christianity**. New York: The Fontana Library, 1962.

COLEMAN, W. **The pharisees guide to the total holiness**. Laredo: Bethany House Publishers, Minn. Min. 1977.

DAVIDSON, B. **Analytical hebrew and chaldee lexicon**. Michigan: Zondervan Publishing House, 1979.

FERGUSON, E. **Background of the early christianit**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1987.

FREND, W. C. **Martyrdom and persecution in the early church**. New York: Anchors Books, Doubleday & Co. Inc, 1967.

GEISLER, N. L. The new age movement. **Biblioteca Sacra**, jan. - mar., p. 82, 1987.

GOODFIELD, J. **Playing God**. London: Hutchinson & Company, 1975.

LIRA, E. C. As armadilhas da nova era. **Ministério**, mar. — abr. p. 5, 1993.

MOORE, H. C. **Desde pentecostés hasta patmos**. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1978.

MOORE. H. C. **Desde pentecostés hasta patmos**. El Paso: Casa Bautista, 1951.

NEANDER, A. **General history of the christian religion and church**. London: Edinburg T. & T. Clark, 1847, v. 1.

NEWMANN, A. H. **A manual of church history**. Boston: Mass, 1933. v. 1.

PERES, A. Entrevista. **Revista Claudia**, mar. p. 40-42, 1990.

SCHAFF, P. **History of the christian church**. Grand Rapids: W. B. Eerdmans Pub. Co. 1967. v. 1.

THE ANALYTICAL greek lexicon: grammatical analisys of each word. New York: Harper and Brothers, [19--?].

TILLICH, P. **A history of christian thought**. Michigan: Harper and Row Publisher, 1968.

TREDICI, J. **Breve corso di Storia della filosofia**. Roma: Edizioni Cardinal Ferrari, 1963.

TYSON, J. **The new testament and early christianity**. New York: Macmillan Pub. Co. 1984.

Enviado dia 16/05/2012
Aceito dia 01/08/2012